



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS COMUNICAÇÃO E ARTES
COMUNICAÇÃO SOCIAL
HABILITAÇÃO: JORNALISMO

JESSYKA CAMILA FAUSTINO DOS SANTOS

A CONSTRUÇÃO E CONSAGRAÇÃO DO PERSONAGEM DA MULATA NA MÍDIA

MACEIÓ – AL

2017



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS COMUNICAÇÃO E ARTES
COMUNICAÇÃO SOCIAL
HABILITAÇÃO: JORNALISMO

JESSYKA CAMILA FAUSTINO DOS SANTOS

A CONSTRUÇÃO E CONSAGRAÇÃO DO PERSONAGEM DA MULATA NA MÍDIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Comunicação Social do Instituto de Ciências Humanas Comunicação e Artes da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo.

Orientador: Prof^a. Maria Aparecida Batista de Oliveira

MACEIÓ – AL

2017

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecária: Taciana Sousa dos Santos – CRB-4 – 2062

S237c Santos, Jessyka Camila Faustino dos.
A construção e consagração do personagem da mulata na mídia / Jessyka
Camila Faustino dos Santos. – 2022.
62 f. : il. color.

Orientadora: Maria Aparecida Batista de Oliveira.
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo) –
Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas,
Comunicação e Artes. Maceió, 2017.

Bibliografia: f. 59-62.

1. Desconstrução de identidade. 2. Mulher negra - Brasil. 3. Mulata. 4.
Globeleza. 5. Mídia. I. Título.

CDU: 070: 396

À minha avó Meire por me mostrar o que
é a vida.

À minha mãe Janainna por me ensinar
como vivê-la.

AGRADECIMENTOS

Eu sempre achei que os agradecimentos ficavam por último por serem a parte mais fácil da monografia, a coroação de uma caminhada, o momento em que a gente suspira e pensa "consegui", mas agora diante dessa página de word parece impossível organizar todos os sentimentos caóticos que me povoam dentro de um texto. Sinto que estou terminando um ciclo que foi grande demais, mas que ainda tenho fôlego para fazer coisas maiores, melhores.

Tenho lembrando cada vez com mais frequência do suspiro que meu coração deu ao ver meu nome na lista dos classificados lá em 2013, da ansiedade que esquentou meu peito até conseguir iniciar as aulas, do primeiro dia cheio de medos dos desafios da educação pública, da permanência e da comunicação como um todo, das aulas que me fizeram ter certeza que era isso que eu queria fazer e principalmente todas as experiências das quais pude fazer parte estudando e vivendo nesse imenso mundo que é a Universidade Federal de Alagoas, da qual ainda nem sai verdadeiramente, mas já sinto saudades de cada cantinho, de cada rosto, de cada amigo que vibrou comigo nos últimos quatro anos. Hoje, tudo é ansiedade, incerteza e otimismo, mas acima de tudo, gratidão.

Agradeço primeiramente a minha família, eu não poderia nunca esquecer que todas as vezes que o mundo me disse "não" eu tive mulheres guerreiras e fortes prontas a me dizer "sim". Mulheres da minha vida, minhas avós, tias e primas, minha mainha, que entenderam minhas ausências, meus períodos de isolamento, os de esgotamento e cansaço e sempre acreditaram em mim, mesmo quando eu não acreditei. A todas vocês, que moveram mundos para que eu me sentisse capaz de cada passo que dei nessa caminhada, meu amor, minha gratidão, admiração e toda a minha honra por poder descender do seio de mulheres tão fortes, inteligentes, bravas e capazes.

À Executiva Nacional de Estudantes de Comunicação Social, a nossa menina Enecos, que desde o Enecom Alagoas (2014) tem sido uma escola para mim onde tive outra perspectiva para prática, pesquisa e ensino da Comunicação. Construímos juntos, e nesse "construímos" falo de todas as mãos que tocaram as minhas nessa longa jornada, mesmo quando distâncias quilométricas nos separassem fisicamente, lutas por uma comunicação democrática, popular, negra, acessível e em respeito às diversidades. Fui ensinada sobre todas essas bandeiras, pude falar e pude ouvir. À minha executiva, que me deu asas e os melhores companheiros de profissão e vida que eu poderia encontrar. A todos minha gratidão.

Agradeço a Cida, pela paciência, confiança e carinho na orientação. Pela dedicação do tempo para as leituras, para as conversas e para os sorrisos trocados enquanto olhava com carinho o nosso projeto sendo gestado. Um dia você me disse que escrever seria um parto, e sem a sua mão afagando a minha ao longo desse ano, parir não teria hoje essa aura mágica. Sem você, desde o começo, isso não teria saído do papel. A você, todo meu respeito e admiração.

A Israel e Ivan, meus companheiros desde quando eu nem sabia o que pesquisar. Que me acalmaram nas madrugadas quando tudo que eu queria era

excluir o arquivo do texto e fingir que nada aconteceu. Que seguraram as minhas mãos me prometendo que ia dar certo e leram com paciência todas as primeiras, segundas e infinitas versões que esse trabalho teve. Pelo carinho, afeto, cuidado e lealdade durante essa caminhada e ao longo dos últimos anos, meu amor e gratidão.

Agradeço a todas as mulheres negras que cruzaram comigo ao longo dos últimos quatro anos. Ao entrar na Universidade eu sequer sabia que era negra, e ao pensar na construção diária dessa que hoje sou, me percebo uma colcha de retalhos, tecido construído por mãos tão diversas quanto habilidosas. Nesse espaço, na figura de Rafaela Maria, e de todas do grupo de whatsapp "Empoderadas", agradeço a cada uma com quem cruzei, mesmo que por poucos instantes e me reconheci. Isso é nosso, de mim para vocês, de vocês para mim, de nós para todas. Esse trabalho também é para dizer que nunca mais seremos pretas de estimação de ninguém.

Por fim, aos que comigo sonharam, lutaram, sorriram, mas não conseguiram me acompanhar nessa jornada por motivos maiores, mas que sabemos sempre serão presentes. A vocês, minha saudade e gratidão.

Que possamos de fato ocupar cada vez mais a Universidade, que a comunicação se pinte de povo. Fora Temer!

E a todos, minha gratidão.

"Não deixe que te façam pensar que o nosso papel na pátria é atrair gringo e turista interpretando mulata."

(Yzalu – Mulheres Negras)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
------------------------	-----------

CAPÍTULO 1: A mulher negra e o histórico de violências

1.1 A (des)construção da identidade da mulher negra.....	16
1.2 A mulher negra como objeto sexual.....	21
1.3 A abolição e a falsa liberdade.....	25

CAPÍTULO 2: A construção da identidade nacional e o racismo

2.1 A miscigenação e a construção da identidade brasileira pós-escravidão.....	28
2.2 Brasil: Um país visto como um paraíso de mulatas.....	35

CAPÍTULO 3: A espetacularização da mulher negra: nudez, objeto sexual e a mídia brasileira

3.1 A construção do discurso da televisão sobre a mulher negra.....	43
3.2 A mulata símbolo nacional da democracia racial: uma reflexão crítica sobre a Globeleza.....	48

CONCLUSÃO.....	58
-----------------------	-----------

REFERÊNCIAS

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 1 - Mercado de escravos no Rio de Janeiro, 1821, Henry Chamberlain, acervo da pinacoteca do Rio de Janeiro

IMAGEM 2 – Anúncios de escravas publicados no jornal A Discussão, ano III, de quinta-feira, 1 de junho de 1867, página 3

IMAGEM 3 – Correio do Brazil de 14 de março de 1872

Imagem 4: Mulher negra quitandeira, Antônio Ferrigno, 1893

Imagem 5: Caty Silva – Boneca de Pixe na capa da edição número 9, do jornal O Quilombo, 1950

Imagem 6: Carmem Miranda performando *O que que a Baiana tem?* De Dorival Caymmi

Imagem 7: Propaganda da Embratur de 1983

Imagem 8: Oswaldo Sargentelli com Ana Cláudia, Viviane e Débora Pires em entrevista para Jô Soares no programa Onze e Meia, produzido pelo SBT em 1996.

Imagem 9: Capa da revista eletrônica Well Brasil, site especializado na divulgação de mulatas profissionais.

Imagem 10: Programa do Chacrinha, 1967. TV Globo

Imagem 11: A modelo Vanessa Valenssa, Globeleza de 1991 a 2004.

Imagem 12: Nayara Justino, Globeleza em 2014.

Imagem 13: Matéria veiculada logo após Nayara Justino ter sido eleita Globeleza, no portal Jornal da Cidade.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo principal a discussão da desconstrução da identidade da mulher negra no Brasil e dando lugar a da mulata e como esta construção violenta e racista foi divulgada e amparada pela mídia ao longo dos anos de maneira sutil e silenciosa, se concretizando nos dias atuais na mulata Globeleza que aparece sempre no período do carnaval como símbolo do país. O trabalho apresenta um recorte histórico que conta os processos violentos e de apagamento pelos quais a mulher negra passou desde a escravidão até os dias atuais, feito através de pesquisa bibliográfica e exemplificado através de imagens de revistas, jornais, programas de televisão e artes visuais.

PALAVRAS-CHAVES: Mulher negra; Mulata; Globeleza; Mídia; Jornalismo;

ABSTRACT

The present study focuses mainly on the discussion of the deconstruction of the black woman's identity in Brazil, its replacement for the mulatto woman's one and how violent and racist this construction became after years of being supported by media, becoming concrete in the current days through Globeleza, a mulatto woman who symbolizes the carnival and its festivities. The study presents a historical framework that depicts the violent erasure black women went through since slavery until today, based on bibliographic research and exemplified by pictures found on magazines, newspapers, TV shows and artwork.

KEYWORDS: black woman; mulatto woman; globeleza; media; Journalism;

INTRODUÇÃO

A identidade da mulher negra e sua imagem foram construídas baseadas em muitas ideias e referências que foram impostas por outras pessoas desde a escravidão onde essa mulher além de sofrer com o racismo, era vítima também do machismo que objetificava e exotificava seu corpo, transformando-o em mero objeto sexual para uso dos senhores. Essa dominação atacava, além de seus corpos, seu psicológico e sua subjetividade.

Assim sendo, Nogueira (1999, p.44), completa:

Seu corpo, historicamente destituído de sua condição humana, coisificado, alimentava toda sorte de perversidade sexual que tinham seus senhores. Nesta condição eram desejadas, pois satisfaziam o apetite sexual dos senhores e eram por eles repudiadas, pois as viam como criaturas repulsivas e descontroladas sexualmente.

O direito de a mulher negra reconhecer-se como pessoa lhe foi negado de inúmeras formas, desde a escravidão, e não se modificou com a abolição da escravatura, apenas passou a ser feita de maneira mais engenhosa, sutil, perversa e profundamente violenta. O processo de miscigenação, vendido como um projeto unificador das raças teve como agente fundamental o embranquecimento dos povos recém-libertos, pois quanto mais próximo do padrão branco, mais aceita socialmente a pessoa negra poderia ser. Assim, o processo de construção da identidade e subjetividade dessa mulher negra se torna também um processo político e de poder.

Constata-se que no desenvolvimento da história da negritude até os dias atuais, o padrão branco tem sido dominante, e este se mostra de maneira mais sutil, mas ainda perverso. Portanto, a historiografia demonstra que o fenômeno do embranquecimento vai influenciar os modos de se vestir, andar, se maquiar e arrumar o cabelo, e assim vai compondo a aparência física de muitas pessoas, que estão condicionadas conforme o lugar, a cultura e a ocasião. Tais modos são igualmente moldados pelos meios de comunicação. O conjunto dessa composição

se constitui no jogo entre aquilo que busca-se comunicar e aquilo que é interpretado dos mais distintos jeitos, sendo caracterizado positiva ou negativamente.

A construção dessa imagem é responsável também pelas violências raciais que afetam diretamente a vida econômica e social das mulheres negras, mantendo-as aprisionadas aos níveis socioeconômicos mais baixos da sociedade, restando-lhes apenas papéis subalternos ou marginalizados.

Barbosa; Silva (2009, p. 53), explicam:

Racismo e sexismo têm sido os principais obstáculos para que a mulher negra possa ter a sua cidadania assegurada, pois mesmo entre os negros, as diferenças de renda entre homens e mulheres são mais significativas que entre os demais grupos raciais. A pobreza no Brasil tem cor e sexo: é negra.

Quando nos posicionamos em frente a um espelho ou qualquer superfície que reflete nossa imagem, nossa reação mais imediata não é de tecer grandes reflexões internas sobre o que vemos, mas geralmente a tendência é querer parecer e se sentir "bem". Esse "estar bem" pode evocar múltiplos sentidos a depender do sujeito em questão. Estar bem para si, estar bem para a rua, para o trabalho, para escola, para o cotidiano. Mas se pensarmos esse gesto, teremos uma série de questões e reflexões - Como eu me vejo? Como eu me identifico? Como me veem? - o espelho parece ser o suporte inicial para entendermos algumas delas, mas muitos outros meios podem ser responsáveis por esse processo de reconhecimento, a mídia, por exemplo.

As nuances do racismo se fazem presentes em diversas plataformas de comunicação. E como diz que a vida imita a arte, a estrutura racial na qual está dividida o país não deixa de ser representada nos programas de TV, nas peças publicitárias ou qualquer outro espaço inserido no seio da sociedade, pois o racismo se perfaz do arcabouço sistêmico social precedente histórico escravista para agir de modo contundente e dissimulado.

Ao longo da história, a mídia tem exercido um grande papel ao representar e construir realidades e identidades, no que diz respeito à mulher negra, essa construção teve grande influência na consolidação da imagem dessa mulher e tem sido mais uma arma de manutenção de estereótipos herdados historicamente desde o período escravagista, com os anúncios de jornais que vendiam mulheres escravas como peças, alugavam como amas de leite, como prostitutas, e, ainda hoje em pleno século XXI, as mulheres negras sofrem profundas discriminações nas telenovelas, a elas são destinados apenas papéis sempre subalternos, grandes comerciais sexualizados e objetificados ou programas de entretenimento onde a todos esses estereótipos parecem se fundir num só.

A televisão no Brasil surgiu em 1950, e é hoje um dos maiores veículos de comunicação de massa do país, mas apesar do alcance e longevidade, os papéis destinados às pessoas negras ainda são pequenos, coadjuvantes e estereotipados, reafirmando no imaginário coletivo o padrão do que é aceito e o que não é, o que é bom e o que é ruim, nesse caso a personagem negra é apresentada como ruim, feio, fedorento, desonesto, enfim como ruim socialmente

No caso das mulheres negras, a personagem Globeleza, desponta como a grande personificação desse imaginário ainda racista, escravocrata e abusador em relação sua imagem e corpo, referendado sutilmente pela sociedade brasileira, chegando assim, ao auge da construção da imagem racista da mulher negra, neste personagem, que vem passando de geração em geração de maneira tão sutil, no entanto traz em si todas as características violentas do apagamento da identidade negra aprisionando essas mulheres a um papel objetificado, o que demonstra ainda ser o mesmo, dado pelo escravizador.

Esta pesquisa teve um caráter descritivo com procedimentos de pesquisa bibliográfica, e teve os seguintes objetivos: 1- discutir o papel da mídia na construção da identidade da mulher negra presente no imaginário social e representado atualmente pelo papel da mulata Globeleza. 2- refletir criticamente sobre o racismo da sociedade brasileira, e as formas de violência, que este acarreta para a vida da mulher negra.

O percurso metodológico utilizado na construção deste trabalho obedeceu aos seguintes critérios: 1- Levantamento bibliográfico sobre a temática proposta bem

como, análise de peças midiáticas, como recortes de jornais, revistas, vídeos de programas de televisão, propagandas e matérias veiculadas em portais de notícias. Enquanto observadores, tivemos a oportunidade de analisar todo processo de construção do personagem analisado e processar os dados produzidos como um todo: o contexto inicial histórico, as primeiras impressões e influências midiáticas, os envolvimento e interesses políticos neste processo, o auge disso tudo quando a personagem em si ganha vida própria e ultrapassa as fronteiras do país ganhando o imaginário mundial como um produto de propaganda e exportação do Brasil, na pele da mulata Globeleza.

Este trabalho a nosso ver tem relevância científica e social à medida que refletimos sobre a temática do racismo, como uma categoria estruturante, mas ao mesmo tempo difusa em função do Mito da Democracia Racial, e ainda a tripla violência, (por ser mulher, por ser negra, e de classe), a que está submetida a mulher negra no Brasil, e sobretudo, por estar respaldado pelo viés da triangulação científica, posto que, esta é uma temática estudada e dialogada pela comunidade científica, conforme está descrito em artigos, livros publicados em diversas áreas de estudo, conforme está contido nos aportes teóricos estudados.

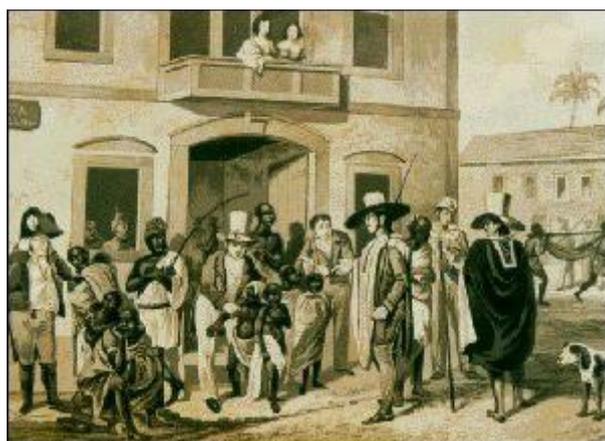
Portanto, para dar conta do estudo pretendido, o trabalho está dividido em capítulos que discorrem os seguintes temas: No primeiro intitulado "A mulher negra e o histórico de violências" apresentamos uma abordagem preliminar da caminhada histórica da violência e do racismo, vivenciada pela mulher negra no desenrolar de sua vida na sociedade brasileira. Na segunda parte realizamos um estudo sobre "A construção da identidade nacional e o racismo" com a finalidade de pontuar as diversas formas que a mulher negra continuou sendo apagada, mesmo com o discurso da miscigenação e integração e como a mídia ganha força na propagação desse movimento que não inclui as mulheres negras, apenas as usa. No terceiro, intitulado "O espetáculo da mulher negra nua" e último capítulo discorreremos sobre os efeitos que a televisão como meio de comunicação de massa de maior alcance no Brasil gerou ao dar visibilidade e maior divulgação há uma das maiores símbolos da violência racial simbólica contra a mulher negra através da exotificação e sexualização: a Globeleza e todas as suas subversões. Nas Considerações finais apresentamos uma reflexão sobre o desenvolvimento da pesquisa.

1. A mulher negra e o histórico de violências

1.1 A (des)construção da identidade da mulher negra

A história mostra que o povo negro sofreu diversos tipos de violência desde a saída da sua terra natal quando afastados de suas famílias, durante a grande viagem nos porões de navios, que muitas vezes jamais chegou a ser completada pois muitos dos escravos morriam no meio do caminho, vitimados por doenças ou pelos castigos abusivos que lhes eram infligidos pelos capitães de navios e traficantes e até a chegada aqui para escravidão onde se iniciava mais um processo de redução da humanidade e humilhações nos mercados de escravos.

Imagem 1



Mercado de escravos no Rio de Janeiro, em ilustração de Maria Graham

Porém, é importante destacar que as violências da escravidão não se deram do mesmo modo quando o assunto é a questão de gênero, falar da mulher escrava num período de extrema opressão a população negra é penetrar no universo de quem viveu a experiência de ter tido sua identidade invisibilizada e ter sido submetida as mais diversas violências. Embora a violência sofrida pelos escravos fosse em geral a física, a mulher negra sofria também com a dominação masculina,

¹Mercado de escravos no Rio de Janeiro, 1821, Henry Chamberlain, acervo da pinacoteca do Rio de Janeiro, disponível em: <http://apublica.org/2016/07/o-porto-maravilha-e-negro/>

o que resultava numa violência simbólica de reconhecimento, psicológica e muitas vezes, afetiva.

Ou seja, a mulher negra era triplamente violentada, pelo patriarcalismo, pelo machismo e pelo racismo. Feridas psicologicamente além de pelo afastamento de suas famílias, também pela negação de seus direitos a identidade, afetividade e subjetividade e fisicamente pelos castigos severos dos seus senhores ou pelos constantes abusos sexuais, quando lhes era negado até mesmo o direito ao próprio corpo.

Oliveira (2011, p. 104) analisa esse momento da seguinte forma:

Nesse contexto, fica claro que além da violência racial, a mulher escrava, nas relações tecidas na sociedade colonial, foi submetida à violência sexual, física, moral e psicológica, pois esta em última instância está atrelada a um processo sistemático de destruição da mulher negra; assim também, por exemplo, era culpabilizada por despertar o desejo e furor sexual do senhor e de seus filhos.

Desde seu desembarque nas terras que chamamos de Brasil, a mulher negra sofre um constante apagamento de sua identidade, seus valores culturais e estéticos por parte do colonizador que acredita e impõe que seus valores európios e brancos são superiores ao dos escravos.

Neste sentido, Paula (2012, p.157), afirma que:

No Brasil, por serem consideradas não humanas e propriedade privada, já que eram adquiridas através de compra, as negras eram tidas como sexualmente disponíveis, também pela diferença cultural no comportamento e no vestuário em relação às mulheres ocidentais. A mulher negra era submetida a diversos tipos de violência: física, sexual, psicológica, entre outras.

Da menina negra, é retirado seu direito a identidade, subjetividade e a qualquer chance de construção da sua afetividade de maneira sadia. Quando desde muito nova, ela é ensinada que seu corpo é apenas para uso sexual, seus traços negroides são feios e repulsivos e lhe é negado também a convivência e construção de laços com outros escravos.

Sobre isso, Silva (2012, p.7), aponta que:

Socialmente, a mucama está à margem da sociedade, condenada a sua condição de escrava. Portanto, nada de bom poderia vir dela. (...) A mulher escrava era apenas um objeto de desejo sexual de seus senhores. A eles deviam obediência e lealdade não podendo se casar, nem possuir qualquer vínculo familiar.

Para além da violência simbólica que era praticada contra jovens negras, os senhores também se tornavam donos de seus corpos, para fazerem o que bem entenderem já que existiam castigos severos para aquelas que se rebelavam contra as vontades de seus senhores.

O corpo dessa escrava negra, foi usado quase sempre de maneira sexual ou objetificada, no trabalho doméstico como ama de leite ou "mãe-preta" garantia a preservação da "mercadoria escrava leiteira", que teve como consequências inevitáveis a negação da maternidade da escrava e a mortandade de seus filhos, para que a escrava então exercesse o papel de mãe preta dos filhos do seu senhor, assim foi-lhe bloqueada a possibilidade de ser mãe de seu próprio filho.

Giacomini (1988, p.26): considera que:

Não seria, no entanto, descabido identificar na prática do aborto e do infanticídio uma forma de resistência da escrava seja às péssimas condições oferecidas a procriação, seja ainda a inevitável condição escrava que legaria em herança aos filhos. Os infanticídios, vistos sob esse prisma, seriam, sobretudo, a única e trágica forma visualizada pela mãe escrava para livrar seus filhos da escravidão.

Sobre o corpo da mulher negra foi também desenvolvido o mito de que seus quadris largos e seios fartos as tornavam mais propícias para parir, criando assim uma nova atividade a ser desempenhada por elas: a de parideiras. Seus filhos não lhes pertenciam, eram apenas mais "mercadorias" para seus senhores, que poderiam vendê-los ou colocá-los na senzala de acordo com suas vontades. Para fugir disso algumas negras se viam obrigadas até a abortar antes que sua gravidez fosse descoberta.

Neste ponto, Isildinha Nogueira em "O corpo da mulher negra" (1999, p.43) afirma que:

Seus filhos não lhes pertenciam, quase sempre eram vendidos, o que era determinado pelo interesse do senhor. Tinham como possibilidade de exercer sua "função materna", quase sempre enquanto amas de leite do filho do senhor.

E dentro da casa grande, quando a mulher negra era abusada por seu senhor para satisfazer seus desejos e obrigada a iniciar a vida sexual de seus filhos, que eram criados para serem "grandes garanhões", estuprar mulheres negras não era considerado crime na época escravocrata, e sim, um sinal de virilidade para o homem branco que satisfaziam seu apetite sexual com essas mulheres ao mesmo tempo que as repudiavam pois as viam como criaturas repulsivas e descontroladas sexualmente. As escravas negras sofriam também a violência vinda das senhoras, quando as descobriam amantes de seus maridos as senhoras infligiam as escravas duros castigos físicos, a mulher negra era condenada por, supostamente, despertar o desejo sexual desses homens.

Nesse contexto, Oliveira (2011, p. 104) enfatiza:

A negra geralmente era tomada como amante do senhor e esse patriarca tinha apenas como objetivo dessa prática, satisfazer os próprios desejos sexuais. Sem nenhum direito de escolha essas

mulheres eram estupradas; por outro lado, eram obrigadas a serem iniciadoras dos filhos do senhor(...).

Posteriormente essas mulheres eram obrigadas a se prostituírem ou alugadas como amantes para outros senhores. Em "Os domínios do prazer: a mulher escrava como mercadoria sexual" (2011, p.244), Hillary Beckles descreve a rotina das escravas explicando que a prostituição era mais comum nos centros urbanos que nos rurais, as escravas não eram listadas como prostitutas nos registros oficiais, visto que a prostituição nunca fora legalizada, mas o corpo dessas mulheres era de propriedade de seu senhor, então mesmo que implicitamente, em hospedarias das cidades era comum que escravas fossem ao mesmo tempo encarregadas da limpeza, da comida e usadas como prostitutas.

Imagem 2



O MERCANTIL

ANNUNCIOS.

NADA DE ILLUSÃO.

Os vinhos da companhia, vendem-se por conta da companhia unicamente n'esta sub-agencia da companhia; pois que é a unica estabelecida n'esta cidade, e provincia. Preços: pipa 180 \$ 000 meia pipa 90 \$ 000; barris de 4. 50 \$ 000, de 10. 20 \$ 500 e de 20. 10 \$ 500.— Sub-agencia da companhia geral d'agricultura

das vinhas do Alto-Douro, em Santos 3 de janeiro de 1851— *Victorino José Gomes Carmilo*— Sub-agente.

ESCRAVAS.

Vende-se duas escravas ladinas sem vicios nem molestias, vindas de p oximo do Rio de Janeiro, as quaes sabem perfeitamente lavar e engomar. Quem as pertonder dirija-se ao escriptorio de Jerimias Luiz da S., a tractar com elle.

Precisa-se n'esta typographia de uma pessoa para bater tinta, preferindo-se a que quizer aprender a impressor.

2

Anúncio de escravas no jornal A Discussão

² Anúncios de escravas publicados no jornal A Discussão, ano III, de quinta-feira, 1 de junho de 1867, página 3 Disponível em: <http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0350a1851.htm>

Vale ressaltar que uma parte muito grande das mulheres negras durante a escravidão foi exterminada pelo vírus da sífilis, pois durante muito tempo perpetuou-se um mito de que a cura da sífilis em homens brancos era uma negra virgem. Essa ideia que andou pelo imaginário da sociedade constituiu mais uma violência, dentre tantas que as mulheres negras já carregavam. Meninas muito novas tinham sua sexualidade, afetividade, dignidade e por fim suas vidas tomadas por esses senhores, sem que pudesse se rebelar contra, Oliveira (2011, p.105) conta que essa crença contribuiu para a proliferação da epidemia de sífilis no Brasil, e um padrão institucionalizado de culpabilização da vítima. Onde a negra que era infectada pelo vírus, mais uma vez era responsabilizada por, supostamente, seduzir seu algoz.

1.2 A mulher negra como objeto sexual

A historiadora Sonia Maria Giacomini, em sua obra intitulada *Mulher e Escrava*, explicita que houve uma grande construção simbólica no ideário social para justificar o fato de que a imagem da mulher escrava, no desenvolvimento de sua história sempre se opôs à imagem da mulher branca. Segundo pesquisas feitas por Giacomini, as mulheres brancas eram descritas como “gordas, flácidas” (p.14, 1988), e as escravas como tendo “boas coxas, bons dentes, peitos salientes” (p.15 1988), criando, dessa forma uma antítese, entre um corpo feito para a inércia, e outro para a ação. O peso das mulheres brancas marca sua a função social, de dona de casa e para a procriação; enquanto que, o corpo das mulheres negras indica agilidade, sedução, e, portanto são características que confere o seu lugar na sociedade. Mas é importante, ainda, entender que inércia e ação não se limitam ao universo do trabalho (o ócio e descanso para as brancas, o labor, a violência sexual para a negras). Mas a todas as potencialidades do corpo, dentre as quais, principalmente, se inclui a sexualidade. As mulheres escravas, então, podem naturalmente tornar-se provedoras de satisfação sexual aos seus senhores (os patrões e seus filhos) durante os séculos de escravidão pelas Américas, pois tinham o corpo “disponível” para tal atividade.

Para entendermos o processo de objetificação do corpo da mulher negra para uso sexual, a primeira coisa em que devemos pensar é nos abusos sofridos pela mesma ainda na casa grande, por parte de seus senhores e os filhos destes. A visão

da mulher negra como lasciva, quente e exótica difundia no imaginário social masculino da época o desejo sexual por elas, ao mesmo tempo em que a repudiavam por não se encaixar nos moldes do ideário aceitável branco. Essas mulheres não tinham o poder de negar-se a atender os desejos dos mesmos, e não havia sobre elas proteção alguma, a mulher negra então é aquela que não possui vida psicológica, afetiva e intelectual. Enquanto a mulher branca era "guardada e vigiada", a mulher negra era submetida ao abuso sexual, ao estupro e a humilhações. No período escravocrata estuprar uma negra não era crime, e sim um sinal de virilidade do homem branco, como mostra Beckles (2011, p.241) o estupro ou qualquer outro grau de violência sexual praticado contra a mulher negra por um homem, fosse branco ou negro, livre ou escravo, não era considerado ofensa ou crime e sequer chegaram a constar em registros de processos legais da época. E dentro dessa linha de raciocínio que Beckles (2011, p.241) afirma: "O estupro da mulher escravizada foi antes de tudo um ataque a ela enquanto mulher. Sua impotência no ato da ofensa serve como confirmação da totalidade de sua escravização".

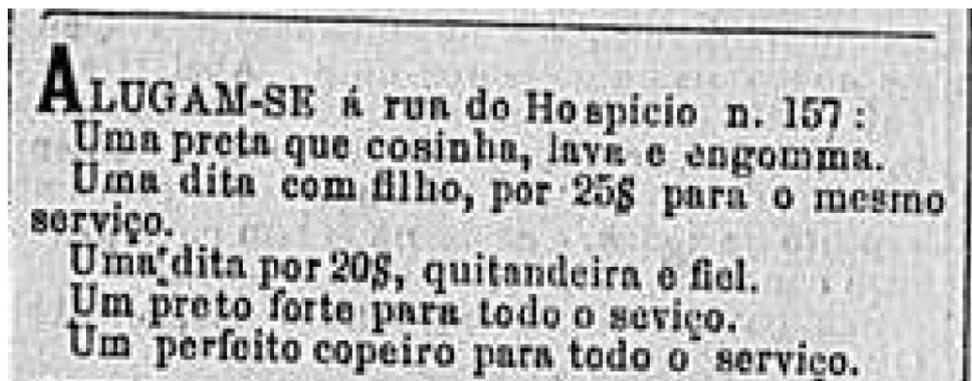
A historiografia admite, de que esse abuso sexual, era muitas vezes desnecessário, pois a escrava, logo cedia, já que não havia escolhas, pois o poder do senhor de engenho, (como seu amo e seu dono), servia como mecanismo de coação, como amostra de dominação racial, sexual e de classe sobre a mulher escrava que gerou uma totalidade de terror e tirania, vinda da representação ideológica da supremacia branca e hegemônica masculinidade colonial que foi respaldada pelo patriarcado judicial.

Os fazendeiros escravistas por sua vez, negavam os abusos de forma veemente, os poucos que admitiam que as relações acontecessem argumentavam que as negras aceitavam estar ali, ignorando totalmente o fato de que elas não poderiam negar impunemente. Ainda como tentativa de amenizar tais atitudes eram atribuídas a brancos que não possuíam família honrada, quase sempre os trabalhadores assalariados brancos vindos de famílias pobres ou os condenados por algum crime, o dono da fazenda dificilmente tinha seu nome ligado a isso.

Por muito tempo, a mulher negra também foi usada como fonte de renda de seus senhores, além dos serviços domésticos e abusos que sofriam dentro da casa

grande, essas mulheres eram mandadas para as cidades para venderem produtos, serem alugadas como amas de leite ou babás e não raro, se prostituírem nos portos e hospedarias para os marinheiros que chegavam às cidades.

Imagem 3



Anúncio publicado no Jornal O Mercantil

Esse é o segundo modo de se olhar a exploração sexual do corpo da mulher escrava, e nesse caso, apesar da prostituição não ser permitida por lei, a lei também não permitia que a escrava recuasse das demandas sociais de seus senhores, logo apesar de nenhuma escrava ser registrada ou anunciada como tal, não eram raras as vezes em que uma escrava alugada para serviços domésticos cuidava das funções de limpeza, cozinha e ainda eram mandadas para satisfazer desejos sexuais de senhores.

A prostituição era mais comum nas cidades do que em fazendas, já que a sociedade urbana era influenciada consideravelmente pelas atividades dos portos e ferrovias, dos quais era economicamente dependente. Então os fazendeiros costumavam mandar suas escravas para as cidades logo depois da época da colheita, sob o pretexto de vender doces e outros produtos das fazendas, mas também para que se prostituíssem para os marinheiros que chegavam aos portos, e quando essa não voltava com o dinheiro esperado por ele, muitas vezes era duramente castigada.

³ Correio do Brazil de 14 de Março de 1872 Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1519-70772014000500346&script=sci_arttext&tlng=pt

Beckles (2011, p.245) enfatiza:

Os fazendeiros escravocratas consistentemente negaram que suas escravas sofressem abusos sexuais ou que fossem empregadas em “ganhos imorais” relacionados ao sexo. A maioria sustentava o argumento de que as mulheres negras eram promíscuas e que buscavam relacionamento sexual com homens brancos a fim de obter favores pessoais ou benefício social.

Ainda segundo Beckles (2011, p.242) essas novas funções de escravas como amantes e concubinas, e o seu uso como prostitutas tem conexão com a institucionalização formal de “bordéis”.

O grande número de pessoas que transitava pelo porto trazia consigo a expectativa de poder comprar sexo, enquanto que a sociedade urbana se mostrava mais aberta e flexível para permitir e acomodar a proliferação de casas que promoviam a prostituição escrava. Essas mulheres negras além de não poder negarem-se a se prostituir, alguns senhores as encorajavam a se prostituírem para pagar a suposta dívida que contraiam para que seus filhos não fossem abandonados por seus senhores, já que esses não viam com bons olhos o fato de ter que gastar para alimentá-los.

Segundo as considerações de Fenwick (1927, p.148):

As mulheres escravas eram realmente encorajadas a se prostituírem porque as crianças eram propriedade dos donos de suas mães. Essas crianças eram criadas pelas senhoras como bichinhos de estimação, frequentemente trazidas das habitações dos negros para suas câmaras para serem amamentadas e dormir, criadas com todo cuidado e indulgência até que cresçam, quando são abandonadas ao trabalho e ao tratamento reservado aos escravos.

Não eram incomuns, nesse período, as fugas de escravas, que tentavam escapar dos abusos sexuais e psicológicos aos quais eram submetidas dentro e fora das fazendas as quais pertenciam.

1.3 A abolição e a falsa liberdade

Diferente do que se pensa o dia 13 de maio não significou uma ruptura com os padrões escravistas da época imediatamente, a abolição não significou o fim dos acordos de trabalho degradantes e escravistas.

Araújo (2013, p.27) ilustra bem isso:

Essa “permanência do padrão escravista nas relações trabalhistas” evidenciou-se nas supostas agências de emprego, que, disfarçadas de instituições de caridade, funcionavam como aliciadores de ex-escravizados(as) para os mais diversos serviços, como nas fazendas, nos canteiros de obras e nas casas de famílias abastadas. Recebiam apenas a comida e o alojamento como forma de pagamento. Tais agências recrutavam trabalhadores de forma violenta, ameaçando-os com armas de fogo a aceitar o trabalho.

A mulher negra sai mais "bem-sucedida" nesse ponto pois tinha lugar cativo nos trabalhos domésticos, ou seja, um meio de "sustento" garantido, diferente do homem negro que não conseguiam competir com os imigrantes no campo profissional o que lhes deixava sempre com empregos ainda subalternos (carregadores de ferramentas, ajudantes nas lavouras) e que pagavam muito mal. Mas nem por isso foi mais fácil já que o trabalho doméstico em muito ainda se assemelhava ao cativo.

Imagem 4



Mulher negra vendendo doces no antigo Largo do Theatro

As mulheres negras tornaram-se então a principal fonte de renda de suas casas, chefiavam as famílias e precisavam lutar nas ruas por seus direitos, desempenhando tarefas como quitandeiras, lavadeiras ou doceiras. Mas muitas dessas mulheres, acabaram por não sair da prostituição, vendendo a única coisa de que agora dispunham, já que a abolição não garantiu nenhum direito ou ação de reparação dos danos causados pelos anos de escravidão para as famílias negras, seus corpos. Segundo Beckles (2011, p. 252) as negras eram ensinadas desde muito jovens a serem prostitutas e a terem a expectativa de que sua manutenção seria derivada desses ganhos imorais.

Muitos fazendeiros seduziam jovens negras bonitas e saudáveis oferecendo dinheiro para que elas saciassem seus desejos sexuais e logo depois as

⁴ Mulher negra quitandeira, Antônio Ferrigno, 1893. Disponível em: http://www.dezenovevinte.net/obras/negro_representacoes.htm

incentivavam a entrar no mundo da prostituição com a condição de ganhos divididos. O corpo da mulher negra ainda era uma das grandes fontes de renda do homem, mesmo com a suposta liberdade já sendo um direito.

Os privilégios da sociedade branca seguiram mantidos, e muitas mulheres negras ainda eram vendidas como objetos sexuais muitas vezes em "casas de prazer" que eram comandadas por outras mulheres, e esse era um serviço tido como normal. Nesse sentido, Beckles (2011, p.244) demonstra "As hospedarias das cidades eram frequentemente bordéis onde as escravas eram ao mesmo tempo encarregadas da limpeza, da comida e usadas como prostitutas".

A naturalização de mulheres negras sempre em espaços de trabalhos subalternos e sexuais foi sendo internalizada no imaginário social da época e construindo raízes junto com o crescimento do capitalismo aprisionando cada vez esse estereótipo pesado e maligno a imagem de mulheres negras que já carregavam todo o peso da escravidão e suas enormes mazelas.

2. A construção da identidade nacional e o racismo

2.1 A miscigenação e a construção da identidade brasileira pós-escravidão

No período pós-Abolição, surgem as teorias evolucionistas de branqueamento e democracia racial defendida principalmente pela área científica que via a miscigenação entre imigrantes europeus com negros recém-libertos como a cura para doenças e problemas já que a raça branca representada pela civilização, tida como superior e mais forte se sobreporia a negra lembrada pelo crime, loucura e fetichismo.

Santos; Silva: (2016, p.3), explicam:

A iniciativa de trazer imigrantes europeus para o Brasil era ainda respaldada pela ideia de “embranquecimento” da população, a meta era miscigenar a população com brancos para “curar as feridas” de séculos de miscigenação entre indígenas, negros e brancos.

Desta forma, o negro foi entendido como principal símbolo de degradação do Brasil, uma ameaça à construção da nova sociedade que nascia com o fim da escravocrata. Segundo Silva (2012, p. 4) para a elite da época, a cultura africana era um forte empecilho para o desenvolvimento do país que almejava ser branco. Desta forma, a “política do embranquecimento” coadunava-se com a necessidade da elite de se formar uma nação homogênea. A solução eugenista da miscigenação surgia então não apenas com o intuito de embranquecer a população e ter um poder sobre a raça e unificar as culturas, mas também exercer um controle político-racial, para assim entrar em conformidade com os padrões civilizatórios da Europa, mas ainda não tornava o Brasil branco o suficiente para se enquadrar nos padrões europeus.

Pinho (2004, p.92-93), demonstra:

A perspectiva científica, forjada de um ponto de vista europeu, encontrava sua contradição em um país como o Brasil, que

procurava consolidar-se como uma nação europeia segundo os interesses de sua elite, ansiosa por conectar-se aos fluxos dinâmicos do capitalismo e que, ao mesmo tempo, teria que se reconhecer, inclusive pelo olhar estrangeiro, como muito pouco ocidental ou branca para seus próprios padrões.

Nessa construção, homens e mulheres negros recém-libertos foram mantidas as margens da sociedade, sem chances de serem incluídos, de conseguirem empregos ou até direitos humanos básicos, tendo como recurso apenas subempregos ou muitas vezes o mundo da criminalidade. SILVA; SANTOS afirmam que apesar da abolição garantir a liberdade na forma da lei, não garantiu aos escravos e mestiços a inserção no mercado de trabalho livre. Desta forma vamos ver no início do Brasil Republicano uma alta taxa de negros enveredando para os caminhos da criminalidade ou em ocupações braçais desgastantes e com baixa remuneração, como a construção civil (2012, p.2-3). Ainda segundo Gomes (2009, p.55) Não houve políticas de inclusão racial após a abolição (1888), e essa ausência foi sustentada pelo discurso da mestiçagem harmônica, que pregava que não seriam necessárias políticas de inclusão dos negros, pois todos estavam integrados.

Para tanto, Pinho (2004, p, 97-98), considera que:

A transição modernizante do século XIX no Brasil parece caracterizada pela formação de uma mão-de-obra de cor livre e urbana. Em grande número, notadamente no Nordeste, esta mão-de-obra é parda ou de cor, pois mulatos e mestiços teriam ocupado um nicho específico intermediário no mercado de trabalho ou na estrutura das classes.

Ainda quando pensamos sobre miscigenação, sabemos que em quase todo esse processo foi feito por meio da violência sexual, e sem a formação de famílias. A subjetividade e identidade de mulheres negras foram abrigadas dentro da história das uniões conjugais que, segundo Gilliam (1995, p.527), na época estavam ligadas a situações de dominação patriarcal e geralmente quando o homem vem da classe e

raça dominantes e a mulher tem um corpo que a codifica como membro dum grupo subalterno. Segundo Panta; Pallisser (2015, p.8), o processo de branqueamento nacional apoiou-se no estupro da mulher negra pelo homem branco, dando origem aos produtos de sangue misto. O tipo miscigenado, atualmente definido como pardo ou “mulato”, estabeleceu o primeiro degrau na escada da branquificação do povo brasileiro.

Para tanto, considera Pinho. (2004, p.102):

A sexualidade exercida e representada em contextos de desigualdade e assimetria parece ser assim o operador da miscigenação predatória e o elo entre os diferentes extratos sociais que se reproduzem como diferentes através do exercício direto do desejo e do controle branco sobre o corpo do Outro e sua simbolização. Pinho. (2004, p.102)

Segundo Pinho (2004, p.102), a formação do dito povo brasileiro foi marcada pela posse dos corpos racializados, a sexualidade, a mestiçagem e a racialização parecem caminhar juntas, formando a identidade nacional como uma “estrutura da conjuntura”, marcada pelo abuso e pela reificação subordinante da alteridade, ao mesmo tempo como objeto de desejo e de controle social. Assim, era criado uma forma discursiva e descritiva do povo que confundia e atravessava imaginários, dando forma e conteúdo concretos a relações de poder, assim como a criação de sujeitos, objetos e normas e regras que ditam o convívio entre estes.

Assim, o projeto português de construção da nação é baseado na anulação das formas identitárias das pessoas negras, demonizando-as e sexualizando-as. A miscigenação surge como o vínculo que redime a comunidade negra de seus estereótipos e traz êxito a construção social, mas nesse caminho também escolhe o que vai ser lembrado ou não desqualificando qualquer reivindicação de autenticidade e identidade afrodescendente.

Ainda nesse sentido, Pinho (2004, p.100):

Negros não formam um corpo determinado apartado do país, nem histórica, nem cultural, nem socialmente e, apesar de hoje em dia ser difícil negar a apartação econômica, a comunhão espiritual parece ser tamanha que impede a dissolução do doce vínculo da miscigenação.

Nessa construção, a pessoa negra é incapaz de se posicionar enquanto sujeito, enquanto está sob o véu da miscigenação que apaga sua cultura e do controle social que foi alvo e consequência da mesma. Já que, segundo Pinho (2004, p.105) foi essa política racial que serviu como eixo de sustentação das políticas cotidianas de subordinação, que têm sua base na história das relações de classe/raça, ou seja, no escravismo, que estes doutores produziram uma descontinuidade “cientificamente” administrável, sustentada pelo regime de produção de verdade legítimo naquele momento.

Para a comunidade branca brasileira o "problema negro" estava resolvido, quando o mesmo na verdade descobriu outras formas, permanecendo presente, ainda que mascarado. Segundo Pinho (2004, p.106), a indeterminação racial, paradoxalmente produzida pelo discurso raciológico da mestiçagem, acompanha como um espectro o processo social brasileiro. O fim do problema negro foi a sua dissimulação. Com isso, segundo PANTA: PALLISSER (2015, p.7), a pessoa negra tende a negar-se como negro, bem como demonstra fortes indícios de desejo de ter outra cor de pele, uma das consequências do apagamento da sua identidade e subjetividade.

Neste período, o movimento abolicionista precisava analisar a maneira como as memórias construídas nos anos anteriores seriam organizadas entre mantidas ou descartadas no século que surgia, trabalhando para a definição de uma identidade negra ao invés de uma identidade nacional de mestiçagem que ocultaria o racismo, segundo Braga (2017, p.344) o propósito, então, era inaugurar um novo momento para a população negra do país, com uma preocupação política e estética, para reeducar a raça. Neste momento os conceitos adotados eram os da moral e bons costumes que estavam em vigor na sociedade da época. Símbolo desse empenho por mudanças são os inúmeros concursos de belezas surgidos no momento,

divulgados por jornais e revistas do momento como o grande momento para afirmação da estética negra, mas sempre com base nos conceitos da moral e civilidade vigentes, nesse contexto eram julgadas também qualidades morais, demonstrações de inteligência, elegância e graça, para que os concursos não acabassem por reforçar estereótipos que o movimento lutava para que fossem esquecidos.

Imagem 5



Caty Silva – Boneca de Pixe na capa da edição número 9, do jornal O Quilombo, 1950.

Contudo, na contramão desses movimentos, movimentos artísticos como a música popular brasileira continuava por trazer e veicular o discurso sobre o corpo negro exageradamente sexualizado, como a canção de Alberto de Castro Simões da Silva (Bororó) que, ao final da década de 30, ainda cantava os beijos molhados e escandalizados de uma morena:

Esse corpo moreno cheiroso e gostoso que você tem/ É um corpo delgado da cor do pecado/ Que faz tão bem/ Esse beijo molhado, escandalizado que você me deu/ Tem sabor diferente que a boca da gente/ Jamais esqueceu...

Já em 1960, Elizeth Cardoso, interpretava a composição de Ataulfo Alves, que definia a uma *mulata assanhada/ Que passa com graça/ Fazendo pirraça/ Fingindo*

⁵Caty Silva – Boneca de Pixe na capa da edição número 9, do jornal O Quilombo, 1950. Disponível em: <http://ipeafro.org.br/acervo-digital/leituras/ten-publicacoes/jornal-quilombo-no09/>

inocente/ Tirando o sossego da gente! Assim sendo, a nossa Música Popular Brasileira (MPB), seria um dos fatores que dariam continuidade aos discursos estereotipados sobre mulheres negras principalmente no campo da sexualidade, conforme está exemplificado ontem e hoje, no dizer midiático e de diversos organismos sociais, (escola, igreja, postos de saúde, entidades de lazer), e da sociedade em geral.

Outro ponto a ser pensado é que nesta mesma época surgiram muitos textos que visavam educar a conduta sexual da mulher negra, para ajudá-la a conseguir um casamento, como o artigo Breviário da Mulher, publicado no jornal A voz da raça, em março de 1934, que dizia que a mulher não devia ser namorada e que seus relacionamentos deveriam visar o casamento. Uma ideia da qual somos ainda reféns que encarrega apenas a mulher da responsabilidade pelo casamento, cabia à mulher uma conduta civilizada e alinhada aos costumes da época, o que pesava para a mulher negra que ainda tentava se desvencilhar do estigma da sexualidade exagerada que trazia desde a escravidão. Assim, ela precisava se vestir e comportar com decoro aceito como ideal pela sociedade e se esquivar das ideias cantadas, divulgadas na sociedade, expressando que existe uma "maldade na raça" sedução de um "corpo moreno, cheiroso e gostoso", bem como a da ideia de pecado, sempre ligado a cor da sua pele.

Outro ponto a ser pensado é que nesta mesma época surgiram muitos textos que visavam educar a conduta sexual da mulher negra, para ajudá-la a conseguir um casamento, como o artigo Breviário da Mulher, publicado no jornal A voz da raça, em março de 1934, que dizia que a mulher não devia ser namorada e que seus relacionamentos deveriam visar o casamento. Uma ideia da qual somos ainda reféns que encarrega apenas a mulher da responsabilidade pelo casamento, cabia a mulher uma conduta civilizada e alinhada aos costumes da época, o que pesava para a mulher negra que ainda tentava se desvencilhar do estigma da sexualidade exagerada que trazia desde a escravidão. Assim, ela precisava se vestir e comportar com decoro aceito como ideal pela sociedade e se esquivar das ideias cantadas de havia uma "maldade na raça" e sedução de um "corpo moreno, cheiroso e gostoso", bem como a da ideia de pecado sempre ligado a cor da sua pele.

Importante também lembrar que a partir do momento em que existem anúncios educando a conduta e apetite sexual de um determinado corpo, está sendo continuada a ideia do discurso sobre essa hiper sensualidade. É a divulgação de definições como o de "mulata assanhada" que faz nascer a necessidade desse tipo de artigo.

A mulher negra aparece ainda "objeto cultural" totalmente representada pelos discursos racializados, como símbolo perfeito dessa miscigenação nasce o personagem da mulata, aparecendo e sendo consolidada na literatura e na música e arte como a figura bestial, somente corpo, sexualizada, ainda que de maneira sutil, notadamente, verifica-se que a violência vai sendo dissimulada, pelo discurso falso, presente no Brasil, inclusive da miscigenação, que tornavam todas as raças em uma só.

Assim sendo Pinho (2004, p.112), enuncia:

Podemos dizer que fundadas nesta base se impuseram, através de medidas ideológicas e mesmo da violência material, algumas imagens ou modelos de raça e gênero que comporiam o repertório da nacionalidade e, em consequência disso, uma coleção de estereótipos a povoar o imaginário social, colaborando para a fixação de um lugar subalternizante e/ou folclorizante para afrodescendentes.

Com o enfraquecimento da Alemanha nazista na Segunda Guerra Mundial (1939-1945), o eugenismo, por ser associado à ideia de intolerância e violência, já que a eugenia nazista propagou a ideologia de pureza racial. Esse fato que culminou no holocausto, a ideia eugenista foi destinada a um suposto esquecimento. No Brasil, o silenciamento da história da eugenia deve-se ao constrangimento nacional pelo fato de ilustres intelectuais e cientistas brasileiros proclamarem com convicção tais ideais, como suprema sabedoria. Contudo, esse esquecimento não significa que suas ideias desapareceram, essas ideias se propagaram dessa vez escondidas sob o mito da democracia racial, defensor da ideologia de que com a miscigenação éramos então todos iguais.

2.2 Brasil: um país visto como um paraíso de mulatas

Na ideia sexual- racial naturalizada, o destino das mulheres negras é determinado também pelos estereótipos que trazem a contradição incorporada em seus corpos e os aprisiona ao regime local de subordinação. A construção da mulher negra sensualizada começa, segundo Gomes, na época colonial com os navegantes e colonizadores do século XVI e seus imaginários bíblicos de paraíso e pecado original, representando assim uma construção da moral cristã ocidental, dividindo as mulheres entre eurodescendentes, mães e esposas como "Marias" e indígenas, escravas e afrodescendentes como "Evas", pecadoras, desvairadas ou aquelas que estão disponíveis sexualmente. Esse imaginário social baseado na desqualificação da mulher negra, não foi desfeito com o início do Brasil Republicano, apenas empurrado para longe das discussões.

No início do século XX, o personagem da mulata se firma no ideário social e nacional como a mistura das raças que teriam dado origem ao povo dito brasileiro, a mistura sexual das raças do homem branco europeu com as índias que já habitavam aqui e africanas sequestradas como escravas. Os intelectuais que viveram essa época voltam a reconstruir os sentidos comuns coloniais de paraíso ao evidenciar as belezas naturais e essa mistura de raças como características principais da nação brasileira.

A criação do Departamento de Imagem e Propaganda no Estado Novo (1930-1945) que contava com um setor exclusivo de turismo, qual se encarregava de disseminar o Brasil no exterior com o objetivo de atrair turistas, foi um dos responsáveis pela consolidação dessa imagem da mulata.

Enquanto antes do século XX o conhecimento, a arte e a literatura eram os principais construtores discursivos sobre uma nação, a partir deste, a indústria cultural começa a se tornar a maior reprodutora de discursos e construtora de imagens e imaginários sociais. Neste momento nasce Carmem Miranda, que ficou conhecida por sua sensualidade, colaborando para a construção do imaginário de mulher brasileira sensual, em filmes como o *Banana da Terra* (1938), onde performou "O que é que a Baiana tem?" De Dorival Caymmi.

Imagem 6



Carmem Miranda performando "O que é que a Baiana tem?"/ Arquivo Folha de São Paulo

A publicidade reeditou a ideia colonial do Brasil como um lugar paradisíaco e no turismo do século XX esse imaginário influenciou as vindas de europeus para o Brasil com o intuito de visitar as antigas colônias, que foram construídas como paraísos tropicais, abrindo também rotas para o turismo sexual, já que esse marketing vendia, ainda que sem perceber, mais uma vez a imagem das mulheres sensuais e sexualmente disponíveis.

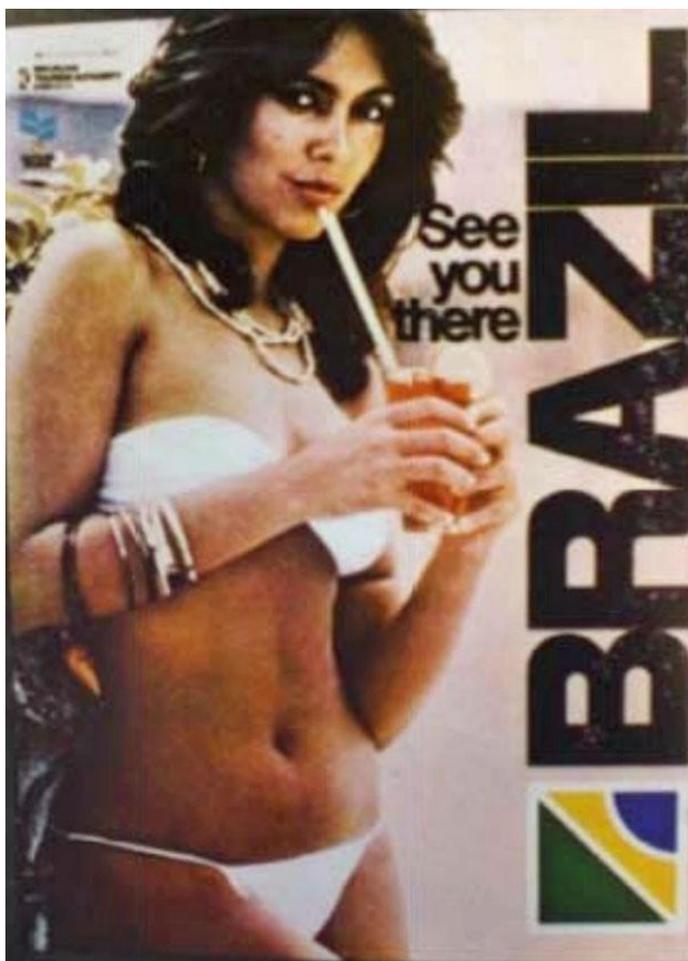
E nessa ótica que Pinho (2004, p.113), afirma:

A fixação da mulata não poderia permanecer incólume ao avanço da mercadoria e do espetáculo. Graças à modernidade e aos fluxos transnacionais, a Bahia agora é vista também como um território livre para o safári sexual colonial. Como descreve Antônio Jonas Dias Filho, a própria indústria do lazer e do turismo em Salvador “vende” uma imagem da Bahia e de Salvador associada à figura da mulher desnuda e mestiça, que se oferece entre a rebentação e os coqueiros.

⁶ Carmem Miranda performando *O que que a Baiana tem?* De Dorival Caymmi. Disponível em: http://brasil.elpais.com/brasil/2017/02/09/cultura/1486597787_904229.html

Segundo Gomes (2009, p.53), é em 1966 que o Turismo passa a ter uma maior relevância para o Estado Brasileiro com a criação da EMBRATUR (Empresa Brasileira de Turismo, atualmente é Instituto Brasileiro de Turismo) e do CNTUR (Conselho Nacional de Turismo), durante a Ditadura Militar (1964-1984) é divulgada de maneira massiva a imagem do Brasil como paraíso de mulatas. Assim reafirmando a identidade nacional como a mistura da harmonia, mestiçagem, sexualidade e paraíso.

Imagem 7



Propaganda da Embratur de 1983

⁷ Propaganda da Embratur de 1983. Disponível em: <http://g1.globo.com/turismo-e-viagem/noticia/2014/02/no-passado-brasil-ja-teve-material-oficial-de-turismo-com-apelo-sexual.html>

A ideia imaginária de Brasil foi reforçada como a junção de sensualidade e natureza para a comercialização desse paraíso, que estava intimamente ligada a comercialização da mulher negra sob o personagem da mulata. A mulata, personagem inventado com a mistura de raça, gênero, sexualidade e patriotismo firmada como identidade espetacularizada e vendida como símbolo da identidade nacional atrativo turístico.

Nesse sentido, Gomes (2009, p. 55), esclarece:

Como atrativo turístico, símbolo de uma indústria emergente – a indústria do turismo – ser mulata foi se transformando em profissão. A construção da mulata se tornou cada vez mais disciplinarizada em relações saber-poder.

Em 1971 Oswaldo Sargentelli (1923-2002) estreia seu show de mulatas, o qual apresentou em várias casas noturnas do Rio de Janeiro, São Paulo e depois por vários países do mundo com um público quase sempre majoritariamente composto por empresários e executivos estrangeiros, momento que marca a caracterização e confirmação total da como ser exótico e sexual. Segundo Gomes (2009) que em 2009 realizou uma pesquisa de campo entrevistando Sandrinha Sargentelli, que deu continuidade ao trabalho de Oswaldo, o espetáculo consistia em apresentações das mulheres seminuas sambando que eram chamadas uma a uma ao palco sob frases como "Abençoada a miscigenação. Salve o Brasil brasileiro" e "A mulata nasceu pra ser admirada", "Ela que é da cor do pecado", "A negra é de tirar o fôlego" e "Cintura fina, coxinha grossa, sorriso no rosto e samba no pé", ainda durante a entrevista Sandrinha define a mulata:

Aos meus olhos ela é um estereótipo, que com certeza povoa o nosso imaginário, ela se tornou o símbolo da mulher brasileira, claro pela mistura das raças, e por toda a energia positiva que tem, uma beleza plástica sem fim e com certeza um talento extraordinário, principalmente no que diz respeito ao samba. Eu penso que 90% das mulatas são musicais, já nascem sambando.

Imagem 8



Oswaldo Sargentelli com Ana Cláudia, Viviane e Débora Pires em entrevista para Jô Soares

Nesse processo também se destacam os Cursos de Formação de Mulatas, ministrado pelo SENAC do Rio de Janeiro, organizados em parceria com os empresários de shows de mulatas que se definiam como mulatólogos - expert em mulatas, no final da década de 1980 e início da década de 1990.

O ser mulata que já era uma construção performática passa a ser disciplinada, não como uma repressão, mas como produção controlada em mais uma estratégia do controle social, de gênero e raça.

Nessa direção, Giacomni (2006, p.88) explica:

Ser mulata é ser “profissional”, é ser “responsável”, é saber “enfrentar o público”. Ser mulata é “saber se produzir”, isto é, assumir a aparência física e o gestual que se espera de uma verdadeira

⁸ Oswaldo Sargentelli com Ana Cláudia, Viviane e Débora Pires em entrevista para Jô Soares no programa Onze e Meia, produzido pelo SBT em 1996. Fonte Youtube Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=kem13BVEmOY>

mulata. É saber “interagir com o público”, enfrentando com frieza e tranquilidade os “acidentes de trabalho”.

Na transformação do personagem da mulata em profissão, Giacomini (2006) aponta que, as “mulatas” sofreram o dilema de suas próprias definições. Tentavam se distanciar das prostitutas e se aproximar das dançarinas, mas percebem que a possibilidade que se abre para o “ser mulata” é uma oportunidade de trabalho e ao mesmo tempo é um empecilho para outros trabalhos. O curso de formação também é visto como essencialmente uma seleção para decidir qual delas estão em condições de representar aquela que seria a mulata típica, a mulata autêntica, o tipo que alimenta o imaginário social da clientela.

Imagem 9



9

Capa da revista eletrônica Well Brasil, site especializado na divulgação de mulatas

Isso poderia ser ilustrado de maneira eficaz nos quadros da Cia. Sandrinha Sargentelli que não eram realizados por mulatas e sim por dançarinas brancas. As mulatas só podem ser mulatas com todas as características sexualizados e estereotipados que são atribuídos a essa definição, não estão no papel de simplesmente dançarinas de samba, como as brancas, que neste caso participavam dançando na apresentação de mulatas e nas performances como colombina e brasileiro vestidas com sapatilhas e fantasias inspiradas no balé clássico, enquanto as mulatas apenas sambam com fantasias alegóricas. Nesse roteiro de disciplinarização e espetacularização, ocorre também o processo de controle desses corpos.

Esse controle mantinha a mulher negra subordinada não apenas no imaginário social, mas também no dia a dia no dia a dia nos locais de trabalho a

⁹ Capa da revista eletrônica Well Brasil, site especializado na divulgação de mulatas profissionais. Disponível em: <http://www.wellbrasil.com.br/2013/default.asp>

estas atribuído e assim a classe econômica a qual pertenceria, Segundo Pinho (2004, p.113), a indústria do lazer e do turismo vendia a Imagem que era veiculada sobre a Bahia na época como a repetição da imagem da crioula escrava, além de ser, como a mulher que vende acarajés na rua, a descendência das negras ganhadeiras, existindo muito concretamente em cada esquina da cidade ou associada à figura da mulher desnuda e mestiça, que se oferece entre a rebentação e os coqueiros.

Com este enredo difícil e silenciado, o estigma carregado pelas mulheres negras no imaginário social como símbolo da brasilidade em harmonia racial e sexual permanece.

3. A espetacularização da mulher negra: nudez, objeto sexual e a mídia brasileira

3.1 A construção do discurso midiático sobre a mulher negra

As desconstruções da imagem da mulher negra, nos espaços midiáticos brasileiros, se apresentam das mais variadas formas repassando e ampliando o racismo com muita sutileza, sem explicitar o ódio pelas pessoas diferentes, que cotidianamente é plantando no imaginário da população brasileira.

O Brasil é um país construído sob diferenças socioeconômicas gritantes, onde os bens da cultura, as condições dignas de vida, o acesso aos bens de consumo, a educação, ao emprego, a moradia e aos serviços de saúde são restritos apenas para uma parcela da população, pertencente à categoria da classe média e alta, provocando dessa forma o alijamento do povo negro e especificamente a mulher negra triplamente discriminada.

A mídia brasileira, ao longo da história, e representando os interesses da burguesia branca, do patriarcalismo, do machismo e do racismo, tem se especializado em divulgar a mulher negra a partir dos papéis sociais mais estereotipados, dentre eles cita-se o da figura da mulata, que aparece apresentada como símbolo da democracia racial, ela é apresentada nua, rebolando, com o corpo escultural, magro, esguio, padrão de beleza da mídia televisiva. O objetivo é camuflar o preconceito racial, presente no seio da sociedade brasileira, e mostrar para que no Brasil não exista preconceito racial, portanto a mulata geralmente é produto de exportação, como justificativa da Democracia Racial.

É evidente a perpetuação do discurso racista que historicamente tem construído e vendido a mulher negra, desde a sua escravidão, até hoje nos mais diversos campos midiáticos, exaltando quase sempre o seu corpo de maneira jocosa, preconceituosa, sua sexualidade sempre é apresentada como coisa, objeto de prazer, tudo isto escondido sob o discurso amigável de que se estar dando visibilidade à mulher negra, o que reforça nessa caminhada da história os discursos racistas, usados há muitas décadas, e perverso com a mulher negra conforme é demonstrado pela historiografia brasileira.

Sobre este aspecto, Santos; Silva (2016, p.4), demonstra:

No que tange a televisão, esta também acarreta discursos racistas, se pararmos para analisarmos, quem é que faz propaganda do carro do ano? Em sua maioria, os apresentadores dos jornais televisivos são brancos ou negros? E as novelas, que papéis as mulheres negras exercem? Com essas perguntas queremos mostrar a face preconceituosa de um país que vive, ainda, o mito da democracia racial, a exclusão camuflada que há por trás da mídia brasileira, uma vez que o funcionamento da mídia atua no sentido de reforçar e reafirmar padrões da cultura hegemônica.

Diante desse contexto, não podemos deixar de pensar de que a mídia exerce funções sociais básicas, tais como: de um lado a reprodução cultural do racismo e da violência de gênero, de classe econômica; e do outro a socialização e a integração dos elementos sócio culturais racistas integrados na estrutura mental dos indivíduos.

Cumprindo essas funções e agendamentos sociais a mídia perpetua formas de construção de pensamento e ação, quadros simbólicos ampliados e aceitos socialmente graças aos processos de imitações e repetições de estereótipos. Nesse sentido, Farias; Fernandes (2007, p.4), afirmam que de acordo com a perspectiva pós-moderna pode omitir a capacidade da mídia de produzir “identidades” socialmente úteis, perfeitamente codificadas e estereotipadas, divulgadas nos mais diversos produtos midiáticos.

Ainda segundo Farias; Fernandes (2007, p.6):

Acreditamos que a cultura da mídia oferece a base sobre a qual muitas pessoas constroem seu senso de classe, de raça e etnia, de nacionalidade, de sexualidade; enfim, ela nos ajuda na construção de nossa identidade e na determinação do que seja o “Outro”, o diferente do que somos. Mas se a mídia possui esse enorme poder de interferir na construção das identidades do sujeito, oferecendo a base sobre a qual as identificações irão se processar ou mesmo

produzindo identidades socialmente úteis, conforme Esteves torna-se necessário analisar um dos seus mais competentes veículos: a televisão.

No Brasil, é constatado que a televisão é o meio de comunicação de massa mais utilizado, por 77% da população, de acordo com os dados apontados pela Pesquisa Brasileira de Mídia de 2016, esse público é formado majoritariamente por pessoas entre 18 e 44 anos, 30% dessas com ensino fundamental incompleto, que passam de 60 a 120 minutos na frente da televisão por dia e o fazem todos os dias da semana. Segundo Balogh (2002, p. 19), "a televisão caminha paralelamente com o capitalismo emergente e a ditadura política e sedimenta um caminho de poder junto às massas que hoje poucos contestariam". Dessa forma a televisão ao estar na casa dos sujeitos, tem uma força ideológica na subjetividade dos indivíduos tornando-se assim, um dos principais meios formadores de opinião desse público.

Assim sendo, o papel desempenhado pela televisão não é apenas o de narrativa do real, mas, sobretudo, o de construção da realidade seguindo os parâmetros ideológicos da classe dominante. Essa construção é amparada nitidamente por processos de controle político da realidade, integradas aos processos de poder. Nesse caminho Barbosa; Silva (2009, p. 52), assevera "o exercício do poder simbólico é, em parte, responsável por afirmar estereótipos e hierarquizar grupos sociais, além de influenciar na formação ou deformação de identidades".

Sob esse prisma, e considerando a força do poder dos discursos propagados pela mídia, Barbosa; Silva (2009, p. 53-54), enaltece:

As produções simbólicas podem ser instrumentos de dominação, visto que a formação dos objetos se dá no ato da enunciação. Ao classificar ou nomear um objeto, o sujeito oferece uma posição no mundo a ele. Dessa capacidade do discurso surge uma forma de poder chamada de poder simbólico. Um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem das coisas.

Frente a essa questão verifica-se que os produtores desse meio, aliados a um falso discurso de inclusão de minorias, têm ao longo dos anos incluído mulheres negras como atrativo de seus programas, fora das telenovelas onde seus papéis também são estereotipados, não sobra muitos espaços para estas mulheres que não seja desempenhando um papel que não seja o de mulata, que vai de encontro e em concordância com o senso comum brasileiro, que desde a escravidão, nunca deixou de associar a mulher negra à sensualidade, e ao furor de sexualidade

Fica demonstrado, portanto, que nos programas de auditório da televisão aberta brasileira, (que tem como características básicas levar quadros que aproximem que gerem identificação do público do programa com suas vidas cotidianas); não é incomum encontrarmos dançarinas seminuas fazendo o papel de assistentes de palco. Seminuas, tendo como material de trabalho quase que exclusivamente seu corpo, as mulheres negras voltam a reafirmar clichês sexualizados, que o que nos permite lembrar a violência a que as mulheres negras foram submetidas desde os primeiros momentos de sua chegada em solo brasileiro. E continuam até hoje em pleno século XXI, aprisionadas a um novo tipo de violência internalizada e banalizada na memória social: o espetáculo da mulher negra rebolando, seminua, exalando sensualidade, objetificada, nos meios de mídia de massa.

Sobre memória e identificação, Ronsini; Oliveira (2007, p. 3), explica:

A noção de identidade passa, portanto pela delimitação do espaço de lembrança: lembrar e se fazer lembrar são os patrimônios construído pelos dois grupos que ocupam um mesmo território. As representações e a ordem simbólica se estabelecem de acordo com a memória narrada e consumida e que, na contemporaneidade, passa pelo consumo midiático.

Estas começaram a fazer sucesso por volta de 1960 com as chacretes , antigas dançarinas dos programas de auditório de Abelardo Barbosa, o Chacrinha. Como explica Bispo (2015, P. 237) essas dançarinas em sua maioria são mulheres

que vem de camadas populares da sociedade que viam na dança uma primeira oportunidade de trabalho.

Neste sentido, Bispo (2015, p. 238) acrescenta:

A importância dada à estética corporal das chacretes acionava assim uma plêiade variada de marcadores sociais da diferença (como o gênero, a idade, a cor/raça, a sexualidade, a classe etc.) que, quando em interseção, operavam como critérios de distinção, tornando certos corpos mais desejáveis do que outros, sendo alguns deles alvo de recrutamento e atenção, e outros não, neste contexto das artes populares.

Notadamente, percebe-se, em programas de todos os horários e para os mais diversos públicos, mulheres são apresentadas seminuas, e, portanto se encaixando mais uma vez no perfil e papel que a sociedade designa para as mulatas, enquanto encenam o papel de auxiliar dos apresentadores, que em sua maioria esmagadora são pessoas brancas, que desenvolvem um papel objetivando entreter o público desses programas. Como todas as outras violências simbólicas que a mulher negra padece em sua vivência, essa passou a ser comum e banalizada e naturalizada pela sociedade, uma vez que até hoje elas continuam presentes muitas das vezes são entendidas já como parte do cenário, com lugares marcados, que estabelecem ideologicamente até onde a mulher negra pode aparecer e de que formas, para cumprirem o lugar a eles destinados objeto sexual.

Imagem 10



Programa do Chacrinha, 1967. TV Globo

Esses espaços se ampliam em datas comemorativas como o carnaval, período vendido como símbolo do Brasil, onde os corpos das negras são vistos na mídia mais uma vez como espetáculo e surge o que segundo Corrêa (1996, p. 40), seria a última e mais atual encarnação da mulata: a Globeleza.

3.2 A mulata símbolo nacional da democracia racial: uma reflexão crítica sobre a Globeleza

Em 1991, idealizada pelo designer alemão Hans Donner, nasce a primeira Globeleza, estrelada por Vanessa Valenssa para ser o símbolo da vinheta da transmissão de carnaval da Rede Globo, seu reinado durou por 13 anos nas telinhas. Segundo Gomes (2009, p. 55), "se ser mulata já era uma construção discursiva e performática, é agora uma construção disciplinada nas relações saber-poder".

Sobre o personagem da Globeleza, Monique (2016), define:

É impossível assistir a uma de suas vinhetas e não perceber que não se trata da mulher Valéria Valenssa, mas apenas do seu

¹⁰ Programa do Chacrinha, 1967. TV Globo Disponível em:
<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/auditorio-e-variedades/cassino-do-chacrinha/fotos-e-videos.htm>

corpo, sua sensualidade e sua força sexual. A Globeleza é apenas um corpo que samba, faz sexo e nada mais. Ah, claro, também é uma mensagem muito clara de qual é o papel da mulher negra na sociedade brasileira.

Desenvolvendo uma performance semelhante a que as dançarinas negras apresentavam no Show das Mulatas, nuas e com o corpo parcialmente coberto apenas por purpurina, sem nenhuma fala ou conexão com espectador além da sua imagem e entrando em chamadas de todos os horários, para os mais diversos públicos. A Globeleza consagra um espaço para a mulher negra na mídia, e personagem por ela representado, deixa claro o que é a mulher negra aceita, a boa mulata sexualizada, não muito diferente do que se fazia no período colonial escravocrata, mediante o que relata Chiavenato, APUD, (Oliveira 2011, p.103), as mulheres negras ao chegarem ao Brasil passavam por perversas formas de violência, “os órgãos sexuais objeto de cuidado e inspeção, as mulheres tendo os seios manipulados e os genitais escancarados para avaliação de sua qualidade como objeto sexual ou como parideiras”. Hoje essa violência continua muito presente dessa vez difusa, pois aparece sob o manto da política de inclusão, não deixando espaço para a crítica, sobre o discurso racista apresentado na mídia brasileira.

Sobre este aspecto, Farias; Fernandes (2007, p. 7-8), acrescenta:

Os discursos racistas inserem-se na cultura brasileira com ares de “naturalidade” o que, num primeiro olhar, impede uma crítica sistemática. Porém, é preciso fixar que estamos lidando com discursos de exclusão intencionalmente elaborados, que contam com o estímulo do senso comum para serem aplicados nas relações interpessoais e intergrupais. Com referência ao negro, é preciso estar atento ao fato de que a mídia constrói identidades virtuais (ou pseudo-identidades) a partir não só da negação e do recalcamento da identidade negra, como também um saber de senso comum alimentado por uma longa tradição ocidental de preconceitos e rejeições.

Assim, o surgimento da Globeleza representa a mais nova versão desta mulata sensual e sexual idealizada desde os primeiros momentos da mulher negra no Brasil, segundo Corrêa (1996, p. 40), a tecnologia utilizada para representar a personagem é tão importante como sua corporificação de todos aqueles atributos mais antigos, temos uma espécie de mulata estilizada, abstrata, ou imaginária, que resume ou sintetiza todas as suas antepassadas.

Ainda sobre o nascimento da personagem Ribeiro; Ribeiro (2016) afirmam que a Mulata Globeleza não é um evento cultural natural, mas uma performance que invade o imaginário social e as televisões brasileiras na época do Carnaval.

Imagem 11



A modelo Valéria Valenssa, Globeleza de 1991 a 2004. Fotografias Folha SP

No período carnavalesco a mulher negra alcança picos de audiência na televisão aberta brasileira, interpretando a mulata reboativa que samba e é extremamente sexual, vendendo para o mundo a imagem do Brasil como país do carnaval, sexo e permissividade sob a imagem dessas mulheres.

Neste cenário, Monique (2016), argumenta:

A mídia brasileira ainda consegue nos surpreender nos apresentando às mesmas velhas imagens de mulheres negras nas mesmas velhas posições. E o carnaval continua sendo o ápice desse fenômeno. Em

¹¹ A modelo Vanessa Valenssa, Globeleza de 1991 a 2004. Fotografias Folha de São Paulo Disponível em: <http://fotografia.folha.uol.com.br/galerieas/20679-globeleza#foto-336920>

meio a toda a eloquência do carnaval, a Globeleza insiste em representar as mulheres negras como meros objetos sexuais.

Programas como Fantástico e Caldeirão do Huck realizam quadros de competição entre mulheres negras para escolher a "musa do carnaval" ou a "nova globeleza", todas seminuas que tem como requisito o samba no pé, simpatia e beleza. Essa beleza reforça os padrões da mulata aceitável, já descrita por Corrêa (1996, p. 39-40), "além de cheirosa e gostosa a mulata é muitas outras coisas nesses e em outros textos: é bonita e graciosa, dengosa e sensual; em suma, desejável (...) a mulata é puro corpo, ou sexo, não "engendrado" socialmente".

Sobre esse momento de ascensão, Sacramento (2013), aponta:

Às belas negras, resta o Carnaval e a possibilidade de um reinado até a quarta-feira de Cinzas. Passarela da moda? Só com sorte ou por conta de míseras cotas, como as adotadas no último Fashion Rio. É como se mulher negra e bonita fosse sinônimo de passista de carnaval, apenas.

Este espaço de trabalho aberto para as mulheres negras, pode até parecer um processo de inclusão no mercado da mídia, no entanto, é um engodo pois as portas de inclusão social, mesmo com a política de cotas, ainda estão longe das mulheres negras. Por exemplo, a moda, segundo Magoga (2015), "é uma engrenagem na grande de máquina social responsável por muitas das vezes, perpetuar o racismo e a exclusão das pessoas negras através de seu apagamento em desfiles, editoriais e propagandas, assim como na área de criação". Restando assim, para essas para a categoria mulher negra o lugar de consumidora, e trabalhos de subalternidade diante da sociedade, já determinados pelo poder social e que são aceitos sem reclamação.

O que explica o surgimento e crescimento de enunciados como "*black is beautiful*", "100% negro", "100% *black*", "crespo é lindo". Por outro lado, sabemos que essa afirmação ainda é condicionada a um belo que esteja dentro do padrão,

que ainda nos fala sobre uma mulata da cor do pecado, um corpo esculpido pela volúpia, numa liberdade sexual permitida pelo carnaval, pelo samba, e por fim, pela televisão, principalmente no período carnavalesco, já que à mulher negra, esse foi o local destinado.

Neste contexto, Sena (2014), afirma:

Se por um lado somos totalmente invisibilizadas por um padrão estético branco, por outro somos altamente sexualizadas, nos tornando produtos de consumo e importação. Da Tia Nastácia à Globeleza, somos bombardeadas com discursos que nos dizem para sermos passivas, calorosas, submissas, sensuais, mercadorias, enfim, para nos mantermos nos espaços destinados a nós desde a colonização.

Deste modo, fica explícito que a mídia continua determinando os locais ocupados pelas mulheres negras, evidenciando e propagando o padrão aceito pelo senso comum, e a ideologia que permeia o todo social.

Segundo Bispo, existem características que definiam o sucesso da dançarina negra na televisão, (2015, p. 257):

Para serem consideradas mulatas, as mulheres deveriam ter um tom de pele de cor marrom, mas com traços que as afastassem da mulher negra, ou seja, sem os narizes chatos, os lábios grossos e os cabelos frisados que costumam ser indicativos de negritude.

Em 2014, Nayara Justino foi eleita como Globeleza no programa Fantástico através do voto popular, foi o exemplo do que Bispo (2015, p. 258), fala que "quanto mais se aproximavam dos traços faciais considerados europeus, mais eram vistas como mulatas e menos como negras, obtendo assim maior sucesso", quando foi alvo de piadas e críticas racistas na internet, logo após estrelar a vinheta. Mais uma

vez reafirmando o fenômeno do embranquecimento, mesmo nesses espaços de suposta visibilidade.

O texto de Mota (2016) conta algumas das ofensas sofridas por Nayara:

Pessoas reclamavam de uma negra na TV, comentavam que ela era bem mais negra que suas antecessoras (“classificadas”, também entre aspas, de mulatas); outros faziam comparações chulas, dizendo que ela parecia o Zé Pequeno, de Cidade de Deus; alguns ainda riam de Nayara, comparando seus seios naturais a “tetras de índia”.

Imagem 12



Nayara Justino como Globeleza em 2014. Memória Globo

Assim sendo, é constatado que em um processo lento, inconsciente e complexo, gostos e desejos simbólicos são construídos no tecido social e conseqüentemente vão sendo impostos sobre o corpo dessa mulher ditando quando e onde ela seria aceita. Corrêa (1996, p. 40), considera que tal estatuto simbólico, não é tão diferente de tantos outros discursos médicos, literários,

¹² Nayara Justino, Globeleza em 2014 que sofreu ataques racistas após ser eleita. Memória Globo. Disponível em: <http://petrtv.com.br/a-nova-globeleza-e-o-carnaval-da-televisao/>

históricos, apresentadas pela historiografia, onde as palavras-chave, utilizadas para qualificar a figura feminina negra como indesejada, essa concepção tem estreita afinidade com os atributos que serviram para identificar positivamente a mulata no imaginário brasileiro.

Ainda segundo este ponto de vista, Beatriz (2014), afirma que:

Por negra ideal, entende-se aquela que foi socialmente aceita porque é dotada de características fenotípicas em conformidade aos padrões eurocêntricos. É a preta alta, de lábio fino, nariz estreito, cabelo liso, rosto delgado e tom de pele claro; uma negra considerada exótica para os padrões vigentes.

Essa separação apenas nos mostra que até mesmo nesse espaço de suposta aceitação da mulher negra, o personagem da Globeleza esconde dentre tantas violências, uma das mais cruéis e simbólicas que perduram desde a escravidão e passa despercebida: a rejeição da negra preta, que segundo Corrêa (1996, p. 50), se torna tão explícita quando essa mulata, com características físicas restritas para ser aceita como a tal, é desenhada como o desejo do masculino branco.

Neste contexto, Ribeiro; Ribeiro (2016), apontam:

A mulher negra exposta como Globeleza segue, inclusive, um padrão de seleção estética próxima ao feito pelos senhores de engenho ao escolher as mulheres escravizadas que queriam perto de si. As escravas consideradas “bonitas” eram escolhidas para trabalhar na casa-grande. Da mesma forma, eram selecionadas as futuras vítimas de assédio, intimidação e estupro. Mulheres negras submetidas ao jugo “dos donos”. Era comum que as escravas de pele mais clara, com traços mais próximos do que a branquitude propaga como belo, assumissem esses postos de serviço.

Ao trocar Nayara Justino, que havia sido eleita através de voto popular por Erika Moura, atual Globeleza esta é a mulher de pele mais clara, de todas as modelos que já representaram a personagem, o que justifica a ideologia do branqueamento, em face da miscigenação a consolidação da imagem que no Brasil não existe preconceito racial. Entretanto, vamos percebendo que a Rede Globo reafirma os requisitos eurocêntricos de aceitação de uma mulher negra, mesmo que essa só venha a ser exposta como objeto sexual, afinal o principal papel representado pela Globeleza é o da mulata tipo exportação, perdendo mais uma vez o direito sobre si mesma, sobre seu corpo, sua vida e, como sua imagem é vista por terceiros o que poderá caracterizar um reforço a negação da identidade negra.

Imagem 13



Jornal da Cidade

Clique para ativar o plug-in Adobe Flash Player

Globo elege a mais feia Globeleza da sua história para o carnaval do Rio de Janeiro 2014

Image not found

Esta é a nova Globeleza 2014

Nayara Justino foi eleita a nova Globeleza do carnaval do Rio de Janeiro com 53% dos votos do público. A primeira apresentação de Nayara como símbolo do carnaval foi ao som do mestre Jorge Aragão cantando o tema da Globeleza. O estereótipo de beleza da nova representante do carnaval do Rio é originalmente composto de negritude, samba, nudez e sensualidade. O padrão da eleita foge totalmente aos traços da beleza física e óptima pela conveniência do turista estrangeiro que gosta de negra. Que a moça tem lá seus méritos, não se discute, mas está longe da beleza. Afinal, tudo é carnaval!

13

Matéria veiculada logo após Nayara Justino ter sido eleita Globeleza. Jornal da Cidade

Em 2017, após 27 anos, a Globeleza apareceu vestida na vinheta e desta vez dançando ritmos além de samba, como frevo, maracatu e bumba meu bui, segundo a emissora a mudança seria para incluir mais regionalidade na personagem.

Segundo Padiglione (2017), a divulgação da Globeleza 2017 durante o “Fantástico” motivou 10,5 mil postagens no Twitter. O termo “Globeleza” entrou 93 vezes nos TTs Brasil, ranking dos assuntos mais comentados da rede de

¹³ Matéria veiculada logo após Nayara Justino ter sido eleita Globeleza, no portal Jornal da Cidade, disponível em: <http://jornaldacidadepi.com.br/detalhe.php?n=6988&e=2#sthash.62Xc0SKr.dpbs>

microblogs, foi registrado no moments do Twitter e foi um dos assuntos mais pesquisados no Google.

No entanto, essa mudança não traz grandes avanços, pois os avanços na nova roupagem da Globeleza traz à tona apenas o mesmo velho discurso da democracia racial, Oliveira (2017 apud Lima, 2017) esclarece:

Eu acho que na realidade ela não configura uma mudança. Colocar uma mulher negra, ainda dançando, exibindo o corpo, ainda está na mesma chave travestida de uma pseudo mudança. A meu ver, o problema não é só se ela estar de biquíni ou com pintura corporal, nua. A questão mesmo é o próprio estereótipo da mulher negra como um corpo hipersexualizado. O que deixa a desejar é que aquela personagem [da Globeleza] é que é o problema, na verdade.

Deste modo, faz-se visível que os espaços construídos para esta mulher negra não representam grandes avanços, uma ação isolada que ainda não reflete na maneira como a emissora retrata a esta mulher em outros espaços em que continuam marcadas por papéis de subserviência e estereotipação negativa, de acordo com Ribeiro;Ribeiro (2016), é necessário entender o porquê de se criticar lugares como o da Globeleza. Não é pela nudez em si, tampouco por quem desempenha esse papel. É por conta do confinamento das mulheres negras a lugares específicos. Assim a mudança na Globeleza não representa nada mais que uma rebeldia e dita representatividade com data e hora para terminar.

CONCLUSÃO

Este trabalho teve como objetivo inicial levantar discussão sobre a influência e papel da mídia na construção da identidade da mulher negra, e como ela está presente no imaginário social, racista da sociedade brasileira. Tomamos como lócus de estudo a mulher negra e como ela é representada atualmente pelo papel da Mulata Globeleza e em programas de entretenimento que hoje representam o auge da consolidação dos caminhos trilhados historicamente por essa mulher que culminaram nesses estereótipos e sua naturalização. Para isso, foi necessário inicialmente traçar diversas linhas históricas percorridas por essas mulheres e as construções discursivas que levaram a criação dessa imagem personificada e suas consequências nas mais diversas relações sociais.

A pesquisa bibliográfica para a realização do trabalho foi complicada no início, pois descobrimos o impasse de que existem ainda poucos grupos de pesquisas dedicados ao tema de mídia e raça com recorte de gênero que disponibilizam seus resultados. Assim, foi mais fácil encontrar artigos, notícias em sites ou até matérias em revistas especializadas que tratasse sobre cada assunto de maneira separada sobre mídia e sobre mulheres negras e tentar fazer a construção conjunta, a maior dificuldade então surgiu quando foi necessário buscar temas mais específicos como estudos que falem sobre a sexualização dessas mulheres, estereótipos ou temas recentes como a ascensão das lutas do movimento negro ou até mesmo sobre a própria Globeleza, que continham resultados ultrapassados, incompletos ou não existentes fazendo com que algumas temáticas não pudessem ser mais exploradas.

Porém, a elaboração deste trabalho possibilitou levantar questões raciais, e como se dá o debate sobre racismo e violência perpetrada contra a mulher negra nos meios midiáticos, e sobretudo, apontar que a mídia tem um papel fundamental na construção de realidades e identidades culturais, pois sua prática se põe não só como um meio de entretenimento, mas formadora de opinião, canal importante para discussão de temas tabus, bem como na manutenção de algumas desigualdades.

Levantar a discussão sobre o papel social da mulher negra, muitas vezes tratada com objeto também nas telenovelas, é um fato que provoca o retrocesso da luta pela igualdade de gênero e raça, à medida que, nossa sociedade é criadora e

legitimadora das muitas das opressões, e violência a mulher negra passa, em função do preconceito racial e de gênero, que ainda carrega as marcas da sociedade brasileira colonial escravocrata.

Verifica-se que este panorama é uma constante, já que, não é um fenômeno novo e sim um debate deixado às margens. Sendo necessário pensar na representatividade social, principalmente quando um produto cultural chega aos lares brasileiros em que 50,7% deles se declaram negros ou pardos. A mídia, neste caso a televisão como maior veículo comunicacional de massa, produz um processo reflexivo em quem alcança.

Essa foi com certeza, uma pesquisa que teve como desejo possibilitar o estímulo a diversos questionamentos referentes à relação do público, mídia; mulher negra e encenação subalterna; exotificação, sexualização; tv aberta e senso comum. A relação entre o poder da mídia e a expressão cultural se mostrou muito mais complexa do que aparentava ser inicialmente, afinal fomenta uma grande discussão até mesmo dentro da academia, pois diversas vezes considerada um meio alienador é necessário provar que é capaz de promover discurso social.

Afinal de contas, a relação sociedade, raça e meios de comunicação desperta uma série de sentimentos, curiosidades, e um pensar crítico de alguns atores sociais ao verificar que estes meios de comunicação, ainda são um meio propagador de preconceitos de gênero e racial. Por outro lado, mesmo tentando dar um novo direcionamento a essas questões em algumas peças midiáticas, ainda continua caminhando a passos lentos, o que poderá render uma série de estudos relevantes para o campo da comunicação.

REFERÊNCIAS

- ARAUJO, Ariella. **A MULHER NEGRA NO PÓS-ABOLIÇÃO** in Revista da ABPN • v. 5, n. 9 • nov.–fev. 2013 • p. 22-36. Disponível em: <http://www.abpn.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/234> Acesso em: 27/01/2016
- BALOGH , Anna Maria. **O discurso ficcional na tv: sedução e sonhos em doses homeopáticas**. São Paulo – SP: Edusp. 2002.
- BARBOSA, Eryl Guedes. SILVA, Silvano A. B. **MULHERES INVISÍVEIS: A IMAGEM DA MULHER NEGRA NO JORNALISMO DE REVISTA FEMININO BRASILEIRO**. CAMBIASSU – Edição eletrônica, Revista Científica do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Maranhão - UFMA - ISSN 2176 - 5111 São Luís - MA, Jan/Dez de 2009 Ano XIX - Nº 5 - Vol. I. p. 48 - 68 Disponível em: http://www.cambiassu.ufma.br/cambi_2009/silvano.pdf Acesso em: 20/04/2017
- BEATRIZ, Amanda. **O padrão da beleza negra ideal**. Blogueiras Negras. 2014. Disponível em: <http://blogueirasnegras.org/2014/04/10/o-padrao-de-beleza-negra-ideal/> Acesso: 25/07/2017
- BECKLES, Hillary. **OS DOMÍNIOS DO PRAZER: A mulher escrava como mercadoria sexual** in Revista Outros Tempos, Volume 8, número 12, dezembro de 2011 – Dossiê História Atlântica e da Diáspora Africana p. 239 a 256
- BISPO, Raphael. **VIVENDO DO REBOLADO: FEMINILIDADES, CORPOS E EROTISMOS NO SHOW BUSINESS TELEVISIVO**. Mana vol.21 no.2 Rio de Janeiro Ago. 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132015000200237 Acesso: 10/05/2017
- BRAGA, Amanda. **Entre Senhores, Sambas e Cervejas: a construção discursiva da mulata fácil no Brasil**. Rev. Bras. Estud. Presença, Ago 2017, vol.7, no.2, p.333-358. ISSN 2237-2660 Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2237-26602017000200333&script=sci_abstract&tlng=pt acesso: 31/05/2017
- CARVALHO, Leandro. **Mercado Escravo**. Geledés, 2012 Disponível em: https://www.geledes.org.br/mercado-de-escravos/#gs.fGLT_eo Acesso: 21/03/2017
- Corrêa, Mariza. **Sobre a Invenção da Mulata**. Cadernos Pagu (6-7), Campinas-SP, Núcleo de Estudos do Gênero- Pagu/Unicamp, 1996, pp.35-50. Disponível em: www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=51069 Acesso: 13/04/2017
- FARIAS, Maria Cristina; FERNANDES, Danúbia de Andrade. **Representação da identidade negra na telenovela brasileira: uma construção negativa**. In "XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação". Anais eletrônicos do XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 2007. Santos - SP. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0667-1.pdf> Acesso: 20/07/2017

FENWICK, A. F. (ed.), **O destino dos Fenwicks: cartas a Mary Hays, 1798-1828**. Londres: Methuen, 1927.

GIACOMINI, Sonia Maria. **Mulatas profissionais: raça, gênero e ocupação**. Rev. Estud. Fem., Abr 2006, vol.14, no.1, p.85-101. ISSN 0104-026X Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2006000100006&lng=pt&nrm=iso Acesso: 31/04/2017

GIACOMINI, Sonia Maria. **Mulher e Escrava: uma introdução história ao estudo da mulher negra no Brasil**. Petrópolis – RJ: Editora Vozes, 1988

GILLIAM, Angela; GILLIAM, Onika. **Negociando a subjetividade da mulata no Brasil**. Revista de Estudos Feministas, v. 3, n. 2, p. 525, 1995. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/viewFile/16471/15041> Acesso: 17/03/2017

GOMES, Mariana Selister. **Marketing Turístico e Violência contra as Mulheres: (des (re)construções do Brasil como um Paraíso de Mulatas**, Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil, 2009, 130p. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/18449/000729284.pdf;sequence=1> Acesso: 04/05/2017

LIMA, Juliana Domingos. **A ‘Globeleza’ está vestida. O que isso significa para a representatividade das mulheres negras**. Nexos Jornal, Brasil. 2017. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/01/09/A-%E2%80%98Globeleza%E2%80%99-est%C3%A1-vestida.-O-que-isso-significa-para-a-representatividade-das-mulheres-negras> Acesso: 29/07/2017

MAGOGA, Marco. **É hora de ouvir a voz do negro na Moda**. A Coisa Toda. 2015. Disponível em: <http://acoisatoda.com/2015/11/20/e-hora-de-ouvir-a-voz-do-negro-na-moda/> Acesso em: 28/07/2017

MONIQUE, Lorena. **Mulheres Negras: O que a mulata Globeleza tem a nos ensinar**. HuffPost Brasil, 2016. Disponível em: http://www.huffpostbrasil.com/lorena-monique/mulheres-negras-o-que-a-mulata-globeleza-tem-a-nos-ensinar_a_21701129/ Acesso em: 22/07/2017

MOTA, Gabriel. **Quando uma Globeleza sofre racismo no Carnaval**. A Gambiarra. 2016. Disponível em: <https://www.agambiarra.com/racismo-no-carnaval/> Acesso em: 17/06/2017

NOGUEIRA, Isildinha. **O corpo da mulher negra**. Pulsional Revista de Psicanálise, ano XIII, nº135, 40-45. 1999. Disponível em: www.editoraescuta.com.br/pulsional/135_04.pdf . Acesso: 17/jan/2017

OLIVEIRA, Maria. **Mulher negra e violência: o lugar da dor na vivência do racismo**. Edufal. P. 99 -115 Alagoas: Maceió. 2011

PADIGLIONE, Cristina. **Globo veste Globeleza pela primeira vez e valoriza folia regional**. TelePadi, Brasil. 2017. Disponível em: <https://telepadi.com.br/globo-veste-globeleza-pela-primeira-vez-em-27-anos/> Acesso: 29/07/2017

PANTA, Mariana; PALLISSER, Nikolas. **IDENTIDADE NACIONAL BRASILEIRA VERSUS “IDENTIDADE NEGRA”**: Reflexões sobre Branqueamento, Racismo e Construções Identitárias. In: Congresso Internacional de História UEPG-UNICENTRO, II, 2015. Anais eletrônicos do II Congresso Internacional de História UEPG-UNICENTRO, **Ponta Grossa – PR, 2015**. DISPONÍVEL EM: http://www.cih2015.eventos.dype.com.br/resources/anais/4/1435712495_ARQUIVO_ArtigodoCongressoInternacionaldeHistoria-UEPG-VersaoFinal.pdf Acesso: 24/04/2017

PAULA, Maria Vicente de, **De escrava à empregada doméstica: o fenômeno da (in)visibilidade das mulheres negras**. Revista Latino-americana de Geografia e Gênero, Ponta Grossa, V. 3, n. 2, p. 155 – 164, ago./dez. 2012. Disponível em: www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg/article/download/3257/pdf_33. Acesso em: 23/abril/2017

PINHO, Osmundo de Araújo. **O efeito do sexo: políticas de raça, gênero e miscigenação**. Cad. Pagu, Dez 2004, no.23, p.89-119. ISSN 0104-8333 Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332004000200004 Acesso: 23/03/2017

RIBEIRO, Djamila; RIBEIRO, Stephanie. **A Mulata Globeleza: um manifesto**. Agora é que são elas/ Folha de S. Paulo. Brasil. 2016 Disponível em: <http://agoraquesaoelas.blogfolha.uol.com.br/2016/01/29/a-mulata-globeleza-um-manifesto/> Acesso: 23/07/2017

RONSINI, Veneza; OLIVEIRA, Vanessa. **Política de identidade e mídia**. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. V. 10, p.1-16. 2007, Disponível em: <http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/view/188/189> Acesso em: 11/05/2017

SACRAMENTO, Marcos. **É Fantástico: aberta a temporada de caça às mulatas**. Diário do Centro do Mundo. Brasil, 2013. Disponível em: <http://www.diariodocentrodomundo.com.br/e-fantastico-aberta-a-temporada-de-caca-as-mulatas/> Acesso: 22/07/2017

SANTOS, Francijane Lima; SILVA, Márcia Ramos. **A representatividade da mulher negra nas telenovelas brasileiras: um espaço em construção**. In "XIII Encontro Estadual de História". Anais eletrônicos do XIII Encontro Estadual de História. 2016. Guarabira - PB. Disponível em: http://www.anpuhpb.org/anais_xiii_eeph/textosST%2016%20-%20Francijane%20Lima%20dos%20Santos%20e%20Marcia%20Ramos%20da%20Silva%20TC.PDF Acesso em: 15/07/2017

Secretaria Especial de Comunicação Social – SECOM. **Pesquisa Brasileira de Mídia**. 2016. Disponível em: http://pesquisademidia.gov.br/?utm_term=Informe+Semanal+-+Edicao+no+287+-+06.01.2017&utm_campaign=LISTA+GLOBAL&utm_source=e-goi&utm_medium=email&eg_sub=626a9a8fe4&eg_cam=e2dc0b091f6057705ff9b4c43a45c57c&eg_list=13#/Televisão Acesso: 21/07/2017

SENA, Isabela. **Da Tia Nastácia à Globeleza**. Blogueiras Negras, Brasil. 2014.
Disponível em: <http://blogueirasnegras.org/2014/06/23/da-tia-nastacia-a-globeleza/>
Acesso em: 22/06/2017

SILVA, Andréa. **LUCINDA, A MUCAMA: A REPRESENTAÇÃO DA MULHER ESCRAVIZADA EM VÍTIMAS ALGOZES DE JOAQUIM MANOEL DE MACEDO** in Cadernos Imbondeiro. João Pessoa, vol. 2, No.1, 2012. Disponível em: periodicos.ufpb.br/index.php/ci/article/download/13728/8563 . Acesso em 18/fev/2017

SILVA, Thiago; SANTOS, Maíra. **A ABOLIÇÃO E A MANUTENÇÃO DAS INJUSTIÇAS: A LUTA DOS NEGROS NA PRIMEIRA REPÚBLICA BRASILEIRA**. Cadernos Imbondeiro. João Pessoa, v.2, n.1, 2012. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/index.php/ci/article/viewFile/14136/8750> Acesso em 24/04/2017